

## AS ARTES E AS DUAS FACES DA MESMA CAATINGA

José Walter da Silva\*  
Ismael Fernandes de Melo\*\*

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de mostrar como as artes no Brasil, em suas diversas manifestações, foram usadas para retratar o povo e as características do Nordeste semiárido, mais especificamente as regiões de caatinga, como um lugar de sofrimento e personificá-los cheios de estereótipos que parecem resistir às mudanças do tempo, principalmente nas dimensões socioculturais e econômicas. A metodologia utilizada na pesquisa buscou referências em obras da literatura, pintura, música, no cinema, com destaque, para obras de Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Cândido Portinari, Luiz Gonzaga, Rachel de Queiroz, e em alguns trabalhos científicos das ciências sociais, escritos por Francisco de Oliveira, Durval Muniz e anônimos. Após a pesquisa, concluiu-se que as mesmas artes que serviram para divulgar o Nordeste, tanto no Brasil como no exterior, também serviram para manter o contexto cultural tradicional de miséria e atraso que se completam na formação do mesmo discurso e das mesmas relações de poder político e social.

Palavras-chave: Semiárido. Caatinga. Cultura. Artes. Literatura. Seca.

## ARTS IN GENERAL ABOUT THE DIFFERENCES OF A COMMON CAATINGA

**ABSTRACT:** This work aims to show how the arts in Brazil were used to disclose the people from Northeast and the characteristics of brazilian semiarid, mainly the caatinga, as a place of suffering and show both full of stereotypes. As a methodological procedure, references in literature, painting and music were used, especially works by Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Cândido Portinari, Luiz Gonzaga, Antonio Francisco, Francisco de Oliveira, Durval Muniz and anonymous people. After the research, it was concluded that the same arts which were useful to diffuse the Northeast, both in Brazil and abroad, they also contributed to keeping the traditional cultural context of poverty and backwardness.

Keywords: Semiarid. Caatinga. Culture. Arts. Literature. Drought.

\* Professor da rede estadual de ensino, Cientista Social e Músico. E-mail: jswaltersilva@yahoo.com.br.

\*\* Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Historiador e Músico – UERN. E-mail: If-melo@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou captar impressões de artistas famosos e produções anônimas expostas nas redes sociais e na Net em geral sobre a maneira de como o semiárido do Nordeste brasileiro foi e ainda é retratado na literatura, pintura, música e no cinema, no período que vai do início do século XX aos dias atuais. As imagens de miséria foram mantidas ao longo do tempo, como sendo uma espécie de variável capaz de impulsionar os discursos e torná-los mais convincentes nas conquistas de verbas para programas sociais e fins eleitoreiros. A relação econômica das políticas públicas, ou melhor, a falta delas para com os pequenos e médios produtores da região semiárida, como obras de construção de açudes e de infraestrutura básica, que foram direcionadas para beneficiar os investidores internacionais e da região Sudeste do Brasil, grandes produtores rurais e latifundiários que eram de famílias de políticos e seus apadrinhados regionais, funcionando como um disfarce para estes desvios de recursos econômicos, naturais, humanos e estruturais, proporcionando nas artes, máscaras e pano de fundo para encobrir a realidade. Do litoral ao sertão do semiárido nordestino, histórias verdadeiras e lendas foram contadas e criadas conforme a visão de origem e vida de cada autor, de obras literárias, canções populares, registros de pinturas, fotos e no cinema, e toda essa produção foi capturada e usada nos discursos voltados aos interesses políticos de pessoas de dentro e fora do Nordeste, segundo seus interesses.

“Seu doutor, os nordestinos, tem muita gratidão, pelo auxílio dos sulistas, nesta seca do sertão, mas doutor uma esmola, para um homem que é são, ou lhe mata de vergonha, ou vicia o cidadão” (Vozes da Seca/ Luiz Gonzaga e Zé Dantas). A canção de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, parceiro de Gonzaga, traduz bem o sentimento e a relação criada no imaginário popular de que era uma condição imposta pela natureza e até divina, e assim com certo conformismo, as vezes, de alegria em tempos de chuva e fartura e punição, dor e tristeza em tempos de secas, a própria incompreensão do semiárido e do bioma caatinga colaborava com esta condição, servindo ao final ao discurso oficial e dos interessados em manter tal condição.

“O Estado que fica no Nordeste é um Estado imobilista, do ponto de vista das classes ‘regionais’, [...]. o Estado descapitaliza a economia do Nordeste em favor do centro de acumulação” (OLIVEIRA, 1987, p. 82).

As diferenças sociopolíticas e econômicas regionais também foram retratadas nas artes, mas mostrando de forma negativa o Nordeste e o seu semiárido, e de forma positiva, o Centro-Sul ou Sudeste, conforme fica evidenciado na pintura diferenciada do artista plástico paulista Cândido Portinari.

O quadro “Os Retirantes”, de Cândido Portinari, pintado em 1944, mostra uma cena do Nordeste com figuras degradadas, chão devastado, pessoas desfiguradas pelo estado de fraqueza. Ao comparar esse quadro com outros do pintor, quando retrata as plantações de café, percebe-se que as figuras retratadas, ao contrário dos nordestinos, exibem bom vigor físico e boa saúde. A paisagem do cafezal transmite a sensação de produtividade e riqueza, enquanto que a caatinga retratada no quadro “Os Retirantes” exibe a extrema miséria.

Figura 1 – Os Retirantes



Fonte: Cândido Portinari (1944).

Figura 2 – O Café



Fonte: Cândido Portinari (1935).

A seca, a miséria, dificuldades e calamidades da região semiárida eram justificadas como frutos de um estado natural, como se as ações antrópicas pouco ou nada poderiam fazer, além de ações paliativas e clientelistas, deixando a população da região Nordeste dependente da ajuda governamental nos períodos de seca, ou proporcionando-lhes trabalho em condições desfavoráveis, ou mostrando-lhes a opção de ir embora para outras regiões, fato este muito retratado em cantigas, prosas literárias, indústria cinematográfica e programas de televisão.

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres. Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trêpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas (AMÉRICO, 1980).

O livro “*A Bagaceira*”, de 1928, escrito pelo paraibano José Américo de Almeida, é como um divisor de águas na literatura regionalista e mostra as diferenças microrregionais físicas, geológicas e culturais, quebra a ideia de um povo uniforme, e diferencia em “Ilhas” de prosperidades, aqueles que tinham poder econômico e podiam bancar melhores condições de vida, alimentação, estudos, usufruíam de toda uma estrutura familiar e social, se diferenciando dos menos

favorecidos. Assim, José Américo, influenciado inclusive pela leitura do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, nos revela pela ótica literária, as diferenças e condições de vida entre os sertanejos e o povo de comunidades mais próximas à zona da mata e litorânea. “É em Euclides que Américo vai buscar a tradicional dicotomia entre litoral e interior, para transformá-la na popularização entre brejo e sertão, dicotomia que atravessa toda obra” (MUNIZ, 2009).

Diferente de José Américo, é em autores mais contemporâneos, como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, entre outros, que podemos encontrar romances dentro do contexto Nordeste e Semiárido com a temática sertaneja bem definida. Quando se fala do Sertão é só sertão, outro fala da vida nas cidades, mesmo dentro do contexto nordestino e seus aspectos culturais regionais, mas longe das realidades sertanejas, e aí aparecem outras figuras representativas, assim como o sertanejo. Nas outras aparecem as figuras urbanas, os moleques de rua, as damas da sociedade. O contexto de paisagem urbana é totalmente diferente do campo, e em alguns casos, como na prosa de Jorge Amado, seus romances se passam em paisagens litorâneas, o romantismo está na figura do pescador, e aí temos o uso das artes novamente contra e a favor dos discursos políticos, pois cada autor ou autora reproduz em seus trabalhos pontos de vistas bem diferentes. Seja na música, na literatura, na pintura ou no cinema, as artes foram utilizadas nas reproduções de pontos de vista e discursos de acordo com as influências e interesses de cada autor(a), mas no final, a junção do muito que foi produzido já marcou e impregnou a cultura nacional como realidade nordestina.

## 2 METODOLOGIA

As referências utilizadas neste trabalho foram pesquisadas na literatura, pintura, música e no cinema, com destaque, para obras “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, “*Vidas Secas*”, de Graciliano Ramos, “*O Quinze*”, de Rachel de Queiroz, “*Os Retirantes*” e “*O Café*”, de Cândido Portinari e canções de Luiz Gonzaga. Nas obras das ciências sociais, buscou-se referências em Francisco de Oliveira, Durval Muniz e em sites abertos como Google para coletar imagens de charges de trabalhos anônimos. A pesquisa é do tipo qualitativa e as referências descritas pelos autores utilizados foram resgatadas a partir do início do século XX aos dias atuais.

### 3 RESULTADO E DISCUSSÃO

A visão que se tem da região do semiárido e do habitante da caatinga ainda é colocada de forma negativa e corroborada pela aceitação passiva do povo como sina ou fardo religioso e até penitente: “Deus quer assim”, o que contradiz a imagem de ser bravo e forte para sobreviver na região, conforme Cunha (1902):

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos (1902).

Vale salientar que a descrição de Euclides da Cunha compara o nordestino ao personagem central do livro *O Corcunda de Notre-Dame*, de Victor Hugo, publicado em 1831, pois o deforma fisicamente e quase o torna monstruoso, embora dócil e sentimental. Longe de ser um personagem fictício, a imagem do nordestino, mais especificamente do vaqueiro, tornou-se uma espécie de figura padrão do povo que vive na caatinga. Artigos, imagens pintadas e fotografadas ao longo do tempo continuaram a reforçar e reproduzir cada vez mais o mesmo discurso de um ser caricaturado em sua forma física, como também seu lugar de existência. As obras literárias do período modernista da II Fase, chamado Romance de 30, onde o regionalismo era sua principal característica, refletem a miséria, a falta de água no sertão e as agruras do povo para lutar contra os efeitos da seca. Algumas dessas obras ganharam toques de beleza nas adaptações televisivas, mas até mesmo com adaptações continuaram a reproduzir o discurso de miséria, o aspecto seco da vegetação e a falta de recursos hídricos na região, repassando a falsa ideia de que o semiárido tem apenas caatinga, carcaças de animais mortos e chão rachado como cenários.

Esse trabalho deixa margem para ser ampliado e possibilita a amostragem de variados recortes literários, imagens, pinturas, trechos de músicas e até filmes que esmiúçam com mais detalhes as figuras do semiárido e dos seus habitantes. Veja Fig 3. Os argumentos que caracterizam o estereótipo do nordestino encontram embasamento, além dos autores já citados, em José Lins do Rego, Ariano Suassuna e outros mais atuais como Darcy Ribeiro e Maria José Carneiro, todos eles

fundamentais para compreender as consequências das influências dos autores clássicos.

Figura 3 – Charge–Autor desconhecido



Fonte: Imagens obtidas no Google

Em se tratando de música, Luiz Gonzaga foi um marco diferencial da nossa identidade regional, pois reforça a imagem do sertanejo forte, resistente ao sofrimento, conforme se depreende em Euclides da Cunha e em canções como “Vozes da Seca”, de Luiz Gonzaga, entre outras que abordam temática semelhante:

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão/ pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão, mas doutô uma esmola a um homem qui é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão. É por isso que pidimo proteção a vosmicê/ home pur nós escuído para as rédias do pudê, pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê/ Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê (Vozes da Seca, Luiz Gonzaga).

Embora esse trabalho não aborde a questão cinematográfica, é importante frisar que entre 1960 e 2010, foram produzidos dezenas de filmes brasileiros com a temática sobre o Nordeste e neles, o homem sertanejo, que vive na caatinga, é sempre representado no mesmo lugar de seca, pobreza, fome e religiosidade católica. Entre as obras cinematográficas, é possível destacar “Deus e o diabo na terra do sol”, de Glauber Rocha, “Morte e Vida Severina”, baseado na obra de João

Cabral de Melo Neto, “Os Sertões”, “O Pagador de Promessas”, “Canudos” e as vezes diferenciados em obras adaptadas de autores como Jorge Amado, a exemplo de “Tiêta do Agreste”, “Dona Flor e seus Dois Maridos”.

#### 4 CONCLUSÃO

Para concluir, depreende-se que as Artes, em geral, foram utilizadas para mostrar o Nordeste semiárido, seu povo, sua cultura, seus costumes, em parte de maneira equivocada pelas informações e em outros casos, pela falta de informações. A forma como vem se descrevendo, pintando, registrando o semiárido, tem sido de forma dicotômica, como por exemplo, o fenômeno natural da seca e suas consequências. O que se tem produzido artisticamente são trabalhos reproduzindo erros causados pela falta de conhecimento e manipulação de informações para legitimar um discurso político e interesses socioeconômicos. Embora não se possa e não se deva alterar a literatura clássica, embora a realidade peça uma atualização para além dos clássicos regionalistas, salvo sua importância para a própria identidade regional e nacional, mas é preciso mostrar a região semiárida e como vivem as pessoas, suas tradições, cultura e a vida social como um todo de forma atual, isso já podemos observar nas novas produções cinematográficas, a ex: filmes como *Amarelo Manga* e *Árido Movie*, são filmes que se passam no Nordeste, mas mostram o lado urbano e atual da região semiárida nordestina, mas sem esquecer do interior sertanejo e os seus problemas de ontem e de hoje, embora bem diferente dos filmes de comédias e estereotipados como *Alto da Compadecida*, que ainda reforçam a ideia caricaturada do homem nordestino.

#### REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2005.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: CORTEZ, 2009.

CARNEIRO, M. J. *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.

DURKHEIM, Émile: *Fatos sociais*. São Paulo: Ática 1988.

DURÃO, Fabio Akcelrud.; ZUIN, Antonio Alvaro Soares.; VAZ, Alexandre Fernandes. *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma re(li)gião*. Rio de Janeiro: 1987.

PROENÇA, Graça. *Descobrimdo a história da arte*. São Paulo: Ática, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo nordestino*. São Paulo: Moderna, 1984.

TORRES, Maria Betania R.; RIBEIRO, Mayra F. Rodrigues.; LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar L.; CAMACHO, Ramiro Gustavo V. (Org.). *Teorias e práticas em educação ambiental*. Mossoró: UERN, 2009.